

A interpretação por alusão:¹ sua relação com as vivências e comunicações pré-verbais²

*Interpretation by allusion: its relationship with
pre-verbal experiences and communications*

Anna Kattrin Kemper

Resumo

A autora considera que a interpretação por alusão, formulada através de frases incompletas, frases de aspecto não lógico, palavras isoladas ou sons e, se for o caso, de mímica e gestos, possui em certas situações analíticas maior eficiência terapêutica do que a interpretação tradicional, lógico-discursiva. Ilustrando seu ponto de vista, encarece os seguintes pontos: 1) A decisiva importância para a evolução do ser humano, das radiações, percepções e comunicações atmosféricas emocionais, desde o início da vida. 2) O significado patogênico das atmosferas traumáticas durante o processo de desenvolvimento da linguagem, capazes de limitar e perturbar a comunicação com o mundo ambiental. 3) As interpretações diretas e imediatas, pelas suas características, não atingem com suficiente profundidade as camadas vivenciais arcaicas do paciente em certas fases, tornando-se, portanto, inassimiláveis para o seu ego fraco e pré-verbal. 4) As interpretações por alusão, além de mais próximas dos níveis vivenciais arcaicos do paciente, permitem evitar a defesa pela intelectualização. 5) As interpretações por alusão, em certos períodos da análise, mostram-se mais favoráveis aos processos de ampliação e clarificação das vivências atmosféricas difusas do paciente, cuja remobilização é decisiva para o sucesso terapêutico. Além disto, tais interpretações dão ao paciente maior oportunidade de chegar, por si mesmo, aos “insights” sobre o seu mundo interno. 6) As interpretações por alusão podem desencadear a capacidade do paciente de ter reações motoras, de maneira produtiva para a análise. 7) A autora, ao expor certas vantagens da interpretação por alusão, não pretende subestimar a atividade interpretativa tradicional. Esta pode, inclusive, ser preparada por aquela, de modo a tornar-se mais eficiente.

Palavras-chave: Desenvolvimento da Linguagem. Interpretação por Alusão e Interpretação Tradicional.

1. 1962.

2. Publicado na *Revue Française de Psychanalyse*, tome XXIX, 1965, sob o título de “*L’Interprétation par allusion*”.

“*Die andeutende Interpretierung*” (em alemão): A ação Interpretativa aludente, isto é, que, simplesmente, alude a conteúdos das sessões analíticas.

Abstract

The author considers that interpretation by allusion, formulated through incomplete sentences, sentences with an illogical aspect, isolated words or sounds and, if applicable, mimicry and gestures, has greater therapeutic efficiency in certain analytical situations than traditional, logical-discursive interpretation. Illustrating her point of view, she emphasizes the following points: 1) The decisive importance for the evolution of the human being of emotional atmospheric radiations, perceptions and communications, from the beginning of life. 2) The pathogenic significance of traumatic atmospheres during the process of language development, capable of limiting and disturbing communication with the environmental world. 3) Direct and immediate interpretations, due to their characteristics, do not reach the patient's archaic experiential layers with sufficient depth in certain phases, thus becoming inassimilable for his weak and pre-verbal ego. 4) Interpretations by allusion, in addition to being closer to the patient's archaic experiential levels, allow us to avoid defense through intellectualization. 5) Interpretations by allusion, in certain periods of the analysis, are more favorable to the processes of expansion and clarification of the patient's diffuse atmospheric experiences, whose remobilization is decisive for therapeutic success. Furthermore, such interpretations give the patient a greater opportunity to reach insights into his or her own inner world. 6) Interpretations by allusion can trigger the patient's motor reactivity in a productive way for the analysis. 7) The author, in explaining certain advantages of interpretation by allusion, does not intend to underestimate the traditional interpretative activity. The latter can even be prepared by the former, in order to become more efficient.

Keywords: Language Development. Interpretation by Allusion and Traditional Interpretation.

“As experiências sucessivas não correspondem a resultados definitivos.

A busca de novos caminhos assegura o advento e o movimento dinâmico das ciências. Assim, também, ao contrário, os métodos aplicados e já consagrados correm o risco de estagnação” (H. Hartmann).

Observação preliminar. Se, no presente trabalho, se compara a interpretação por alusão com a interpretação direta e imediata, não significa que esta seja colocada em segundo plano. O constante paralelo entre as duas formas decorre da necessidade de esclarecer melhor a conceituação especial que pretendemos estabelecer.

I - Definição do termo

A “interpretação por alusão”, conceito por mim introduzido – há muitos anos em seminários e supervisões — significa a comunicação verbal e atmosférica³, no processo analítico, por meio de frases incompletas, frases de construção não lógica, palavras isoladas, sons, gestos, mímica, com a finalidade de aludir a manifestações presentes do paciente e manifestações especialmente significativas ocorridas anteriormente no referido processo.

II - Razões teóricas e práticas

Em certos casos e em certas fases da análise, a interpretação por alusão pode remobilizar percepções, sensações, imagens e vivências muito remotas que fazem parte do estágio pré-verbal, de maneira mais eficaz do que a interpretação direta e imediata em frases completas. Esta hipótese, a meu ver, pode fundamentar-se, principalmente, nos seguintes dados:

1) A verificação de que, depois de acabada a análise, o indivíduo reage, às vezes, regressivamente em situações problemáticas que põem à prova sua capacidade de adaptação, permite-nos supor que as situações e os conflitos patológicos não foram atingidos nas camadas profundas, pela análise. Podemos observar, por exemplo, que o indivíduo, que atingiu, através da análise, maior

3. Atmosfera” como, por ex.: “A sessão decorreu em atmosfera amistosa”, etc.

capacidade de expansão e produtividade, liberando-se de bloqueios agressivos, continua limitado no que se refere à tolerância e à dedicação amorosa.

2) O crescente reconhecimento do valor das *influências atmosféricas* no processo analítico, tema tratado há vários anos, em publicações sobre contra-transferência.

3) A minha experiência de análises infantis, com três casos de mutismo em crianças entre 3 a 5 anos (mudez completa e surdez parcial), que me obrigaram a comunicações interpretativas através de *simbolizações*, sons e poucas palavras, bem como de outros casos ao redor do terceiro ano de idade, e em adultos “*borderline*.”

4) O fato de ter eu iniciado a minha atividade analítica no Brasil com muito limitado conhecimento da língua portuguesa.

5) O estudo das percepções, sensações, imagens e vivências específicas ocorridas durante o desenvolvimento da linguagem, o qual, no presente trabalho, merece consideração particular.

Neste período, podem diferenciar-se três etapas:

a) *A linguagem dos sons* (a partir, aproximadamente, da 3.^a semana até o 6.^o mês) correspondendo, principalmente, a percepções e comunicações atmosféricas entre a criança e seus primeiros objetos.

b) *A linguagem simbólica* (geralmente de 6 até 12 ou 15 meses) que corresponde às comunicações em sílabas ou palavras formadas de maneira individual, cuja significação se refere, de modo simbólico (símbolo, do grego “*symballein*”, isto é, significativo como parte de um todo) a determinadas pessoas ou objetos inanimados.

c) *A linguagem em palavras adequadas e frases* (em geral, a partir de um ano de idade) aplicadas de maneira mais concreta às relações ambientais.

III - As imagens e vivências específicas durante o desenvolvimento da linguagem

A criança pequena tenta tomar contato mais intenso com o mundo ambiental através de comunicações verbais. Quando tais comunicações encontram aprovação, isto é, *resposta compreensiva*, a criança se sente capaz de novas ações que possibilitam, sobretudo, o processo de aprendizagem de modo mais intenso do que anteriormente. Se, porém, a resposta for negativa, ela se retrai. A criança recebe

estímulos decisivos para seu desenvolvimento na época da formação da linguagem. O desenvolvimento desta em palavras adequadas corresponde ao desejo da criança pequena de saber e aprender no sentido de “*eu quero saber e aprender o que não sei*”, enquanto a Comunicação não adequada às palavras se relaciona mais com a necessidade de “*eu quero sentir que sou compreendida e aceita*”. A significação existencial do contato verbal para a criança pequena pode ser magnificamente ilustrada através de uma velha lenda asiática. Conta esta lenda que as babás de um grupo de meninos foram proibidas de lhes dirigir a palavra e que os pequenos, vitimados por tal silêncio, morreram. Citado por Dührssen. (4)

Podemos imaginar que, se a criança pequena, ao comunicar-se através de sons ou palavras simbolicamente significativas, só recebe respostas em frases completas que correspondem mais a motivos racionais ou a outras manifestações de caráter desanimador (como, por exemplo, as que revelam *amor insistente ou exigente*, a compreensão e disposição a relacionar-se sofre sensíveis limitações. Ao passo que, se a resposta, for dada sob a forma de sons ou de palavras de aprovação, em atmosfera acolhedora e adequada, possibilitam-se reações comunicativas, no bom sentido primitivo. A atmosfera de contato verbal é, para a criança, de importância decisiva, tanto para as expansões presentes como para as futuras. (5) (6). A capacidade receptiva da criança pequena se concentra, por exemplo, ao escutar uma canção, na melodia e ritmo e só mais tarde, ela é capaz de entender as palavras que os acompanham. A melodia cantarolada corresponde mais ao nível primitivo da criança do que a canção com palavras. A criança se assusta, por exemplo, com vozes altas e secas, teme a atmosfera, o ambiente de irritação e pode sentir-se ofendida, atingida pela voz estridente e dura, – fenômeno tão evidente na angústia diante do trovão ou de outros estrondos de tempestade.

Repito: A criança, no estágio pré-verbal, não compreende as palavras. Ela percebe a comunicação através da *totalidade atmosférica*. “A linguagem, da voz”, expressão empregada por L. A. Binswanger (7), tem influência marcante nas percepções atmosféricas da criança, contribuindo decisivamente para que ela se sinta, intimamente, mais próxima ou mais afastada. No último caso, ela pode cair em regressão intensa e chegar ao extremo: o autismo.

É lícito supor que as percepções, sensações e vivências, isto é, os engramas da primeira e segunda etapas do desenvolvimento da linguagem estão submetidos, predominantemente, à memória inconsciente e pré-consciente. Os da terceira etapa seriam, cada vez mais, dependentes da memória consciente⁴.

4. No presente trabalho são considerados os seguintes autores, que se dedicaram especialmente ao desenvolvimento infantil (1) (2) (3) (4) (5) (6).

IV - As comunicações mudas

As comunicações mudas, por alusão, elementos significativos no correlacionamento humano (*Mitmenschliche Beziehung*), constituem transmissões específicas, das diferentes condições de cada ser. Essas comunicações pré-lógicas têm, dada a sua constelação especial, influência atmosférica especialmente significativa nas relações ambientais.

Falamos, em psicanálise, da linguagem do sonho, da linguagem corporal, como correspondentes a comunicações do inconsciente. Encontram-se, também, transmissões inconscientes filogenéticas na linguagem da mitologia e do folclore. De igual modo, se encontram equivalências da linguagem “por sinais” e “por gestos” do “primitivo”, em certas expressões infantis, ou em alguns rituais obsessivos, que constituem verdadeiras manifestações do inconsciente para evitar, de modo mágico, conjuratório, isto é, alógico, a palavra (8).

Ademais, sabemos que o silêncio espontâneo pode corresponder tanto à mais profunda negação e hostilidade, quanto às mais fortes comoções e à correspondência absoluta. Já nas representações de pantomina podemos observar a expressão artística das comunicações mudas.

Tais exemplos evidenciam poderosas comunicações mudas, por alusão, que irradiam atmosferas intensas e diferenciadas, constituindo legítima “transmissão simbólica” ou pré-lógica, e não “comunicação verbal” no sentido lógico-discursivo.

V - A interpretação por alusão na prática psicanalítica

a) Consideração particular

A experiência da interpretação por alusão é baseada na minha prática durante muitos anos, ao aplicá-la dentro do processo analítico. Verifiquei, também que sua aplicação independe, em si, da individualidade singular do terapeuta, pois foi possível transmiti-la, com êxito, aos candidatos em supervisão.

b) Exemplo clínico

Só parcialmente é possível, numa apresentação escrita, comunicar as interpretações por alusão, especialmente nos aspectos não verbais. O tom da voz, as

pausas variáveis no contexto verbal, a atmosfera receptiva e a mímica podem ser apenas indicadas ou referidas no texto⁵.

Trata-se de um “*borderline case*”, homem de 30 anos. A sessão descrita antecedeu as férias de Natal. Minha intensa preocupação com o paciente, na situação dada, suscitou minha contratransferência positiva. Num tom queixoso, de quem reclama, o paciente me perguntou: “Por que a senhora parte tão frequentemente em férias, onde a senhora vai desta vez?” Interpretei: “Hum ... onde estou ... será que vou voltar?”

O paciente me fixou com olhar ansioso e interrogador. Fiz, então, um, gesto de caráter interpretativo, que poderia ser compreendido como uma expressão acolhedora ou como uma indagação solicitante (as mãos abertas estendidas).

Esta comunicação provocou no paciente reações regressivas que se manifestaram, principalmente, por movimentos parecidos com patadas, e golpes que queria dar com as mãos.

Interpretação: “As mãos e os pés tremem de raiva ... espernear, bater ... como no quarto de doente?” (Ponto de referência)

Era assim, que o paciente designava o quarto onde ele se sentia rejeitado durante inúmeras doenças, para preservar a irmã do contágio. O paciente vivia-se contra a parede e socava as almofadas do divã: maneira de agir cuja significação simbólica se torna evidente na remobilização a que nos referimos. Interpretação: “O ódio incontrolável cresce ... em vez de sentir-se protegido, acarinhado, estava isolado, abandonado ... mas ela ficara ao lado da mãe ... perigo do contágio ... hum (tom interrogativo) ... como naquele tempo ...”⁶

A forma como a alusão de caráter mutatório se refletiu no “aqui e agora” da situação analítica, evidenciou-se em seguida. O paciente volta-se, violentamente, fixando um objeto que chamava atenção pela forma e cor, já no consultório há muito tempo, no mesmo lugar, e diz com voz entrecortada, raivosa e provocante: “De quem a senhora recebeu este jarro?” Após um silêncio tenso e como fora de si, gritou: “É loucura ... não ... eu sou louco!” A angústia o fazia segurar a cabeça e esconder os olhos com as mãos.

Interpretação: “É louco, tão louco ... esconder-se, não querer ver ... sentir-se rejeitado ... como naquele tempo ... como se eu não estivesse presente”.

O paciente reagiu de maneira muito sensível a esta interpretação, percebendo que ela correspondia à referida contratransferência positiva, rompendo em lágrimas. Após silêncio que permitiu a descarga emocional, interpretei:

5. Tento ilustrar as pausas, nas interpretações, pelo número maior ou menor de traços (hífens).

6. “*Mutativ*” em alemão.

“Como naquele tempo, no quarto de doente ... teme ser abandonado ... hoje, como antes ...?”

A este novo apelo ao seu passado, que ele revivia por causa das férias no presente, reagiu dando a impressão de lutar contra algo perigoso. Tal qual uma criança doente, rolava, parava, contraía-se e enfiava a cabeça na almofada. Enfim, levanta-se bruscamente e grita com violência: “Vou quebrar este jarro em pedaços e pisar nos cacos.” A angústia perante as suas reações de ódio de caráter arcaico manifestava-se em ele esconder os olhos, tremer, chorar, e dando a impressão de um menino fora de si, imerso na dor e na raiva. O grau de tensão foi de tal maneira intenso, que gritou furioso: “É louco, completamente louco, mas eu preciso saber quem lhe deu este jarro.” Referi-me então ao seguinte acontecimento da sua infância:

No aniversário de sua mãe, o paciente, que tinha então 3 anos, quis lhe dar flores pequenas que havia colhido no jardim. Quando se aproximou, timidamente, do quarto da mãe, viu que a irmã mais velha (vivenciada há anos como rival) dirigiu-se a ela, oferecendo-lhe uma cesta de flores. A mãe, não percebendo o filho que tentava aproximar-se, voltou-se para a filha. O paciente se retirou chorando, sem chamar atenção.

Interpretei: “A irmã com a grande cesta de flores ... e o jarro grande aqui ... retirou-se discretamente ... chorando como se estivessem as mãos vazias ... mas elas escondiam as flores colhidas no jardim!”

O paciente, que neste meio-tempo se tinha deitado no divã, caiu em prantos e virou-se contra a parede.

Interpretação: “Desaparecer ... partir ... hum ... e as flores na mão ... será que elas serão sempre ignoradas?”

O paciente chorou longamente. Quando se acalmou um pouco, manifestei-me por um “hm” ligeiramente interrogativo, acompanhado por um gesto de mão aberta, de expressão receptiva. O paciente entendeu a comunicação de caráter simbólico, o que se evidenciou no que disse: “Pensei em lhe trazer um presente, mas como a senhora não estará aqui no Natal ... e além do mais não sei se a senhora o aceitaria”.

Interpretação: “Hum ... imagens como naquele tempo ... era a mãe que viu apenas a cesta grande (tom interrogativo)”, e repeti o gesto da mão aberta receptiva. Nesse instante, foi anunciado o próximo analisando. O paciente começou a chorar.

Interpretação: “(tom, interrogativo) “A irmã com a grande cesta de flores ... fugiu ... aqui comigo você não escondeu seu sofrimento, suas lágrimas.”

O paciente, que geralmente reagia ao aviso do cliente seguinte⁷ levantando-se imediatamente do divã e saindo, desta vez permaneceu deitado. Prolonguei a sessão e interpretei ainda este fato de maneira alusiva:

“Levantar-se bruscamente ... fugir ... esquivar-se ... afinal não foi necessário hoje.”

O paciente se despediu referindo-se ao dia de sua próxima sessão, e perguntou com um sorriso tímido: “Dia 2 de janeiro cai numa segunda-feira, não é?”

c) Considerações específicas

Minha ideia de que a interpretação por alusão pode, em certos casos, atingir as camadas primitivas de maneira mais assimilável do que as interpretações por frases completas, leva em consideração as percepções atmosféricas desde o início da existência humana, inclusive as do estado intrauterino e as percepções, sensações e imagens específicas das diferentes etapas do desenvolvimento da linguagem.

Não poucas vezes deparamo-nos na análise com situações análogas às encontradas no desenvolvimento infantil. As manifestações mudas e simbólicas expressas pelo paciente correspondem, de certa maneira, ao desenvolvimento remoto da relação com os primeiros objetos. As interpretações em frases completas nem sempre atingem, a meu ver, as imagens e sensações de caráter primitivo simbólico dessa fase remota.

O apelo predominantemente lógico da interpretação em frases completas não corresponde, em certos casos e em certas fases da análise, à necessidade do desenvolvimento do paciente. O fato de que a memória dos dois primeiros anos de vida se manifesta em geral, nas análises somente em sonhos simbólicos, em sensações, imagens difusas, absurdas, e em “angústia vaga”⁸, persecutória, ou então pela linguagem corporal e não pela memória e comunicações mais ou menos exatas, fala em favor de que a percepção mnemônica — a difusa revivência de engramas do estado primitivo — pode, às vezes, ser mais intensa na interpretação por alusão, devido à sua forma mais primitiva, do que na interpretação direta. Pois esta, que impressiona com apelo verbal lógico-discursivo, corre o risco de, em certos casos e em certas fases da análise, negar ou não atingir bastante as percepções e vivências pré-lógicas. Por sua vez,

7. Uma mulher aproximadamente da idade de sua irmã mais velha, objeto de ciúme há muito tempo.

8. Termo por mim empregado a partir de 1956.

aquela, por alusão, estimula mais as imagens e corresponde à participação em nível primitivo.

A capacidade de analisando de reconhecer e assimilar as interpretações diretas pode ser extremamente limitada em determinadas circunstâncias. O Ego primitivo do paciente, durante o processo regressivo, corresponde, nas suas percepções e imaginação, ao estado pré-verbal, incapaz de assimilar as comunicações feitas por meio de linguagem mais desenvolvida. Dentro da psicanálise, as atenções voltadas para a fraqueza do Ego, do ponto de vista terapêutico, se revelam, de maneira especial, nas relações apresentadas sobre o tema: “Variantes da Técnica Analítica”, no Congresso de Psicanálise – 1957 (9) (10) (11) (12).

A interpretação em frases completas, pela sua estrutura lógico-discursiva, correspondente a um nível mais elevado do intelecto, pode distanciar-se demais e *não alcançar* as vivências do estágio primitivo pré-lógico e pré-verbal. A interpretação direta e sempre imediata, pode desrespeitar as comunicações primitivo-simbólicas do paciente, com o risco de empobrecer o clima emocional da análise, em consequência da dominância racional. Sobre este perigo, assim se manifesta Fenichel (13):

Muitos pacientes se retiram do mundo dos sentimentos para o mundo dos conceitos e, por vezes, até, deste mundo eles regredem para o mundo das palavras vazias. Justamente, porque o tratamento psicanalítico quer influenciar os sentimentos através das palavras, torna-se compreensível o perigo de que as palavras trocadas entre o paciente e o analista possam ficar insuladas dentro da esfera verbal ou conceitual, apenas”.

Certas sensações e imagens arcaicas, que não fazem parte do estágio verbal, não se deixam comunicar verbalmente. Por isto, podemos imaginar que, interpretando por alusão, a qual, em poucas palavras, se concentra na repetição da percepção e repetição da vivência atmosférica, representa isto um meio terapêutico eficaz para atingir as camadas primitivas sem forçar demasiadamente as defesas. A interpretação por alusão, por sua forma mais primitiva, corresponde a maior participação e aproximação das camadas arcaicas do paciente. Através dela, o analista se adapta ao nível arcaico do analisando. E, assim, pode este viver, experimentalmente, que “algo existe em comum” entre ele e o analista. A significação múltipla dos vocábulos e o tom em que são proferidos representam, na situação analítica, circunstância estimulante para as reações projetivas do paciente. Além disto, não podemos negar que a *linguagem*

em comum, a *linguagem sintonizada* entre o paciente e o analista possibilitam, enfim, o entendimento necessário. A *linguagem em comum*, o entendimento que se estabelece durante o processo analítico, principalmente através de irradiações e percepções atmosféricas não projetivas, no sentido de *tom e eco* contribuem, a meu ver, de maneira decisiva para a cura. Se o paciente percebe o ambiente comunicativo, pode corresponder de modo espontâneo. Do contrário, corre o risco de ficar excessivamente submetido às reações projetivas, que limitam o processo de amadurecimento.

Reconhecemos a necessidade de identificação com o paciente como importante para as interpretações adequadas, seja quanto à maneira, dosagem e tempo da interpretação. Focalizamos as interpretações sob o aspecto transferencial. Sabemos que sua função é tornar consciente o que é inconsciente. Penso, entretanto, que, até agora, não tem sido bastante considerado o “fator individual” na interpretação. Assim como temos de considerar a individualidade do paciente, do ponto de vista da interpretação, da mesma forma, é necessário respeitar a individualidade do analista. A existência de normas técnicas, absolutamente necessárias, não exclui que se considerem as reações pessoais do analista. Creio que o processo analítico, condicionado pela função transferencial e pelas limitações impostas pela abstinência, representa inter-relação humana que exige do analista, para melhor dominá-la, não só controle crítico permanente, como também sensibilidade acentuada, capacidade de imaginação, compenetração ampla, como características especiais e pessoais.

Desejo, apenas, expressar, com isto — e relembro as palavras de Hartmann, à epígrafe deste trabalho — a opinião de que apesar das experiências técnicas válidas, a psicanálise, como ciência dinâmica, nunca formulará concepções acabadas e definitivas. Neste sentido, repito que, em certos casos e em certas etapas da análise, através da constante interpretação mediante frases completas, baseadas na compreensão lógico-discursiva, nunca chegaremos ao nosso objetivo. Pela exclusiva interpretação lógico-discursiva, pode escapanos a remobilização de sensações e imagens difusas, vagas, das atmosferas traumáticas, especialmente as do primeiro ano de vida.

A ideia de que a interpretação direta se dirige à parte sã do Ego e que pode ser por esta assimilada, não prova que a parte sadia esteja sempre em condições de superar os limites e as resistências do paciente em assimilar as interpretações diretas.

A diferença entre interpretação “direta” e “por alusão” reside no fato de tratar-se de apelos de formas diferentes, que podem atingir camadas diversas

do Ego. Creio que a interpretação por alusão facilita, em certas situações de análise, maior aproximação do Ego particularmente fraco e lhe oferece melhor oportunidade de assimilação do que a fornecida pelo interpretar direto.

d) Variações da interpretação, considerando a fraqueza do ego

A influência das comunicações atmosféricas se revela, na análise, pela repetição vivenciada das percepções e sensações relacionadas ao primeiro objeto, e prova a importância decisiva deste na estruturação psíquica do indivíduo (14). É nos dado observar, refletida e repetida na análise, a transferência da relação com o primeiro objeto. Destarte, podemos, também, conceber que o analista represente, de certo modo, em alguns casos, o primeiro objeto de relação verdadeira. Quando o Ego apenas se manifesta de maneira rudimentar, a contratransferência atmosférica confirmativa é não só condição indispensável para o processo terapêutico progressivo, como, às vezes, prepara e possibilita a análise posterior (15). Já Freud (16) chamava a atenção para o processo preparatório da análise tendo em vista a debilidade do Ego. Não são poucas as vezes em que temos de considerar este aspecto, principalmente nos casos de estruturas esquizoparanoides.

Os estudos de psicologia do Ego, de A. Freud, Walder, Erikson, Nunberg, etc. (17) (18) (19) (20) deixam transparecer que a formação do Ego já se pronuncia antes da formação da linguagem. Além disso, diz Hartmann (21), já existe um núcleo do Ego como parte hereditária. No caso de pessoas submetidas a situações atmosféricas traumáticas em estágio bem remoto, e que perturbam intensamente a formação do Ego, podemos admitir que a parte saudável do Ego nem sempre é capaz de assimilar as interpretações diretas. Esta já era a concepção, por exemplo, de Aichhorn (22), W. Reich (23), C. Eissler (9), R.J. Loewenstein (10), S. Nacht (15) e M. Balint (24) (25), entre outros.

No mesmo sentido, A. Freud (26) se manifesta:

Já se aplicam certas modificações do procedimento terapêutico na análise infantil, na dos delinquentes e nos “borderline cases”. Verificamos, especialmente em relação à fraqueza do Ego, *restrições na verbalização* e maior intensificação da ação.

M. Klein (27) não tratou de variantes técnicas, apesar de referir-se à seguinte condição básica da criança:

Esta forma de unidade significa sentir-se plenamente compreendida, fator essencial em toda amizade, bem como nas relações

amorosas felizes. Nas melhores circunstâncias, a compreensão não necessita palavras para ser expressa, o que demonstra que se deriva da mais remota comunhão com a mãe no estágio pré-verbal.

Diz ainda: “Tudo isto é sentido de maneira muito mais primitiva do que a criança é capaz de exprimir.”

e) O aspecto da “*transmissão atmosférica*.”

Para voltar à minha hipótese: penso que a interpretação por alusão, inclusive as alusões por certos sons, em várias tonalidades, de caráter confirmativo, interrogativo, como sinal de atenção, etc., e que corresponde, no processo analítico, a uma restrição da verbalização, pode atingir o paciente na base de uma comunicação primitiva. O tom da voz, a “linguagem da voz”, as expressões mudas do analista, especialmente as expressões mímicas, de fisionomia e gestos, representam *transmissões atmosféricas* para o paciente as quais tanto podem mobilizar a *transferência atmosférica* no seu aspecto projetivo, como também podem constituir percepções novas. Por exemplo, as reações contratransferenciais transmitidas pela atmosfera, com caráter de solicitude, podem ser percebidas pelo paciente como algo até então desconhecido. Acho que, mesmo que a transferência de atmosferas traumáticas se manifeste correntemente no processo analítico, ainda assim não podemos compreender todas as vivências e imagens do paciente pelos meros “*transfers*” de suas experiências anteriores. O paciente transfere, também durante, e especialmente na última parte da análise, as experiências reais havidas junto ao analista.

As possibilidades de percepções mudas são, a meu ver, limitadas pela posição clássica do analista. A *posição diagonal* do analista, quer dizer, o fato de estar ele sentado ao lado do paciente, em vez de estar atrás, permite, melhor do que a posição clássica, observações de comunicações mudas expressas pela mímica, pelos gestos e tudo o que se exprime de maneira óbvia pelo sistema motor. Acho que a “*posição diagonal*”, permite ao paciente, tanto quanto ele necessita, perceber e olhar o analista assim como também facilita ao analista a percepção de transmissões mudas. Veja-se a concepção de Th. Benedek (sentar-se atrás do paciente pode corresponder a uma fuga do analista) (28).

VI - A interpretação por alusão nos processos de ampliação⁹ e aclaramento

a) Considerações gerais

O processo de ampliação representa procedimento terapêutico que deve possibilitar ao paciente a percepção e rememoração, em níveis inconsciente e pré-consciente, das experiências traumáticas, especialmente as sofridas por influências atmosféricas do estágio pré-verbal. Trata-se de engramas remotos que, em geral, se manifestam em sonhos de caráter simbólico, em sensações psicofísicas, em imagens obscuras e *angústia vaga* não localizável, em vivências persecutórias e alucinatórias, etc. Amplificação e clarificação, relacionadas ao tema presente, têm o sentido especial de oferecer ao paciente condições que lhe possibilitem, antes do reconhecimento consciente, ampliar e aprofundar a nova percepção, a relembração vagamente sentida e a revivência difusa das reações patológicas, bem como perceber suas determinantes principais. A clarificação, processo concomitante, corresponde ao *aclarar* determinar o que é obscuro, reprimido, vago, difuso, através de percepções e sentimentos recordados. A amplificação determina e se articula à clarificação. Se se consegue, na situação analítica, pela revivência difusa, ampliar e aprofundar as experiências traumáticas – seja por conclusão própria, seja em função das interpretações feitas com esse objetivo – obtém-se desse procedimento, de certa maneira, clareza do *porquê* e do *para quê* de determinadas reações e atitudes, o que facilita a ulterior elaboração consciente. Parece-me fecundo, no processo terapêutico, deixar em aberto, durante certo tempo de análise, as sensações e imagens primitivas, principalmente as projeções de caráter arcaico, a fim de amplificar e de aprofundar sua recordação e revivência difusas. Em outras palavras: para conseguir elaboração maior, parece mais vantajoso, não conscientizar logo, por interpretações imediatas, o que se passa ao atual processo psíquico. A *rememoração sentida* e a revivência obscura diminuem a tenacidade da defesa e facilitam, de modo crescente, a futura compreensão, o reconhecimento amplo e profundo. Acho que a interpretação direta e imediata, que não leva em conta o “*timing*” adequado de uma imagem persecutória, por exemplo, mas que, de imediato, relaciona o impulso ao objeto, pode urgir conscientização prematura

9. *Amplifikation*: extensão, alargamento, dilatação, ampliação, amplificação. *Determination*: No desenvolvimento, a fixação de uma parte determinante da estrutura do Indivíduo ou do todo (cf. Duden, VI vol. - *Fremdwörterbuch*).

e limitar a amplificação rememoradora sentida. Ao invés disso, a interpretação por alusão, mais centrada sobre a revivência difusa do que sobre a conscientização imediata, oferece maiores possibilidades de amplificar, clarificar e elaborar as atmosferas e situações traumáticas. O reconhecimento consciente das reações patológicas, suas repercussões e consequências nas relações objetais, para se tornar “*insight*” verdadeiro, necessita ampla e profunda rememoração sentida, de revivência anterior difusa. Em outras palavras: o “*insight*” obtido sem a reminiscência vivenciada de forma ampla e profunda não parece assaz produtivo, terapeuticamente.

O reconhecimento consciente dos fatores e determinantes psíquicos pode corresponder à mera intelecção, e não à revivência produtiva, coisa frequente em situações especiais, por exemplo, em análises de formação ou de pessoas que conhecem a teoria psicanalítica. Os apelos feitos às camadas arcaicas através da interpretação lógico-discursiva correm perigo, de um lado, de não serem assimiladas, por seu caráter lógico. De outro, o de fornecer ao paciente recursos e elementos para a defesa intelectualizante. A interpretação por alusão evita a pura compreensão intelectual e, assim, diminui as defesas.

b) As comunicações atmosféricas na ampliação e clarificação

A influência e comunicação atmosféricas conseguidas pelas interpretações por alusão, como já foi dito, remobilizam as sensações e imagens arcaicas de maneira difusa e obscura. A reminiscência sentida de engramas remotos, mobilizada pelas interpretações breves, palavras isoladas e sons, pela “linguagem da voz” e da mímica, representa condição importante para o processo de ampliação, aprofundamento e clarificação das vivências psíquicas. Comunicações, por exemplo, como as que se exprimem por gestos espontâneos, pela acentuação especial de palavras, podem conferir à atmosfera sentido terapêutico essencial.

As transmissões, percepções e vivências atmosféricas, especialmente para o recém-nascido e para a criança, antes de começar a descobrir suas aptidões, são decisivas na estruturação do seu desenvolvimento. A transmissão atmosférica específica da atitude pessoal da mãe para com a criança, as radiações atmosféricas de sua disposição psíquica, por exemplo, percebidas de modo intenso no contacto epidérmico, a meu ver, são tão decisivas para a evolução presente e futura da criança, como as experiências orais concretas (29). Em vista dessas influências marcantes, no primeiro e segundo estágios do desenvolvimento da linguagem, podemos conjecturar quão importante é a comunicação atmosférica para o desenvolvimento e o êxito do processo analítico.

A existência de comunicações atmosféricas durante a análise compreende-se por si mesma. Acho, porém, que o fenômeno ainda não tem sido considerado, reconhecido e documentado quanto deveria. Nós o encontramos tratado em publicações sobre a contratransferência, sobretudo no que se refere às descrições desta, com a justa advertência da necessidade de controlá-la e elaborá-la criticamente. Porém, muito raro se fala de sua aplicação consciente, produtiva, e do aproveitamento de suas comunicações e influências atmosféricas na análise. A aplicação de comunicações e influências atmosféricas, conscientemente percebidas e expostas, representa instrumento terapêutico de importância igual à dos conhecimentos teóricos. Apesar da necessidade de respeitar a regra da abstinência, que nos coloca numa “posição neutra”, reservada, não podemos negar nossa participação humana em toda análise, transmitindo-se, principalmente, de maneira atmosférica. A atenção consciente às atmosferas existentes, tanto as transmitidas pelo analisando como as que surgem do analista, bem como o seu emprego terapêutico, são recurso fecundo, especialmente para a ampliação e clarificação do processo analítico.

c) A repetição do material e a alusão a “pontos-de-referência”, no interesse da ampliação e da clarificação

Um dos métodos para amplificar o processo terapêutico, consiste em repetir, de maneira mediativa, o essencial da comunicação do analisando, seja do material atual, oferecido no momento, seja de material anterior. A repetição do que o paciente comunica, como num “estado flutuante”, possibilita ao analista perceber relações e circunstâncias daquilo que está atuante e ainda não foi suficientemente elucidado. A repetição do material pode também transmitir ao paciente certa atmosfera de *receptividade passiva*, que diminui a defesa, em certos casos ou momentos, especialmente nas neuroses obsessivas. Acho que a preparação para o contato com o paciente, ao início da análise ou de cada sessão, muitas vezes não se realiza por causa das interpretações imediatas do primeiro material aduzido. Quanto à *disposição receptiva* do analista, a repetição de conteúdos atuais ou de material significativo de sessões anteriores auxilia o paciente a sentir melhor o encadeamento das sessões, dando-lhe, assim, vivência de continuidade e não de interrupções.

A *disposição receptiva* transmite ao analisando atmosfera de “neutralidade benevolente”, através da qual ele consegue abrir-se e entregar-se. A interpretação imediata, ao contrário, facilmente provoca distâncias intransponíveis, em virtude da mobilização demasiado intensa das defesas. A aceitação destes con-

ceitos não significa que, em determinados casos ou situações analíticas, a *disposição receptiva* não possa ser contraindicada, por exemplo: fases de submissão e de formas análogas de defesa, como o refúgio em reações fleumáticas, ou evasão (evitação).

Observamos que, muitas vezes, em função de interpretações diretas e imediatas, o paciente se defende das mobilizações sentidas como por demais perigosas. O analista, ao repetir o material, indicando com algumas palavras os elementos válidos compostos, pode ser de certa maneira, vivenciado pelo paciente como o seu próprio *Ego exteriorizado*, porém, presente. De acordo com a minha experiência, este fato diminui a resistência defensiva.

A repetição do material relativo aos *pontos-de-referência* introduzidos na análise, e com o significado já evidente de que simbolizam situações e modos determinados de reagir, específicos do analisando, serve para estabelecer, uma vez mais, relações alusivas a algo implícito. Tais *pontos de referência* podem ser encontrados em sonhos simbólicos, em vivências e imagens especiais, que revelam, de modo ilustrativo, condições importantes para o desenvolvimento atual. Exemplificando: certa paciente, educada segundo a norma categórica do “deve ser”, desde a primeira infância, teve o seguinte sonho:

Eu andava em linha reta, não podendo olhar para os lados. Sentia um cansaço doloroso, como se estivesse carregando um peso enorme, mas devia andar na linha reta que me impressionava como os trilhos de um trem.

Quando a paciente ia lutar contra os próprios impulsos, na mobilização da angústia, bastava a alusão (ao ponto-de-referência): “Está mais uma vez nos trilhos ...” ou “não pode olhar para os lados ...” ou “o cansaço, o peso doloroso dos trilhos ...” para levá-la à interpretação.

O analista, ao reverbalizar o material, inclusive as alusões simbólicas acerca de situações específicas, possibilita ao paciente perceber sua solicitude, que “está ao seu lado”, acompanhando-o e guardando suas comunicações e vivências.

d) O reconhecimento próprio (insight) pela amplificação e clarificação

O processo de amplificação e aclaramento ou elucidação, inclui outro aspecto terapêutico valioso. Se o analista concede ao paciente permanecer, por algum tempo, em certo estado flutuante, de “procura no escuro”, de revivência difusa e reprodutiva, sem forçar, de imediato, a conscientização pelo trabalho interpretativo, dá-se ao analisando oportunidade de chegar *de modo espontâneo*, ao

reconhecimento (*insight*) de fatos ou situações psíquicas importantes. Permitir que o paciente em análise viva sua capacidade própria de concluir sobre as causas e as consequências do suas reações tem o especial valor de diminuir a dependência extrema para com o analista, o qual, seja como for, é sentido, sobretudo, como instância suprema, pois é ele quem dirige, em fim de contas, a análise. Aqueles reconhecimentos espontâneos intensificam no analisando o sentimento da força do seu Ego, mais do que o “*insight*” conseguido pelas constantes interpretações diretas que visam a conscientização¹⁰.

A possibilidade que se oferece ao paciente de ampliar, aprofundar, aclarar e reconhecer o conteúdo de seus processos psíquicos pela sua própria rememoração sentida, não dispensa, em outros momentos da análise, a interpretação direta, para elucidar os condicionamentos básicos responsáveis pelas deformações patológicas.

e) Dosagem na focalização indireta e simultânea das diferentes determinantes psíquicas. Sua influência sobre a motricidade.

A interpretação por alusão, de maneira especial por sua forma não afirmativa, permite a dosagem e preparação do processo terapêutico. Alusões, em poucas palavras, referentes aos vários aspectos da análise em curso, possibilitam a sondagem do que predomina no momento atual, como também favorecem o conhecimento das múltiplas causas determinantes dos impulsos, afetos, angústias, sentimentos de culpa e defesas. Assim, as interpretações por alusões concentradas sobre os impulsos opostos, em casos de ambivalência extremada, diminuem, segundo pude verificar, a tensão ambivalente e deixam transparecer e intensificar-se o afeto mais forte, dominante.

A *alusão interpretativa* ao que determina as diferentes formas possíveis de comunicação e reação do paciente amplia o seu campo de percepções, rompendo-lhe a estreiteza atual. Dificulta-se, destarte, que o analisando se aferre a um só elemento interpretado e transforme essa interpretação em escudo para melhor defender-se. A interpretação por alusão deixa em aberto as imagens, os impulsos e afetos a que se dirige, e, não afirmando diretamente qual o elemento em apreço, possibilita, de maneira especial, a amplificação do processo terapêutico. Se o paciente, pelas interpretações alusivas a aspectos diversos surgidos, reage por sensações vagas demais, ou por angústia intensa, então,

10. Depois de já escrito o presente trabalho, deparei com a concepção análoga de M. Balint em “*Examination of non-verbal analytic interventions*”.

aquelas interpretações serviram para abrir o caminho à interpretação direta dessa mesma angústia. Pelo caráter de sondagem das interpretações a que nos referimos, podemos perceber melhor, não só o que está em foco na mobilização, como também quais suas causas determinantes, e suas diferentes relações.

A interpretação direta, habitual, automaticamente afirmativa, pode provocar reações defensivas tão grandes, que a análise dessas defesas esbarre em resistência crônica. A interpretação por alusão é capaz de abrandar essas resistências fora do comum, porque o analisando percebe menos rapidamente a focalização interpretativa e não se defronta com a constatação falada, expressa, de seus impulsos e sentimentos de culpa, tal qual acontece na interpretação direta.

Para ilustrar: o réu, ante o tribunal, via de regra, sente-se mais seguro na defesa se o juiz ou o promotor entra de maneira imediata e direta na inquirição dos atos supostamente criminosos. Da mesma forma, o paciente, em demasia atemorizado por seus maus impulsos e intenções inconscientes, se defenderá melhor contra a situação analítica, se as interpretações forem diretas, imediatas e não indiretas, por alusão, isto é, mais disfarçadas. Estas, por sua forma específica, – poucas palavras relacionadas aos elementos primitivos, – têm a possibilidade de criar atmosfera mais permissível ao analisando.

Tal focalização, no aspecto mutatório – isto é, natural e espontaneamente modificador, retificador – do “aqui e agora”, diminui as resistências em aceitar as interpretações transferenciais, porque se concentra nas percepções atmosféricas do que houve “naquele tempo”, e que se repete na situação atual.

Outra faceta que se revelou durante as experiências com esse modo de interpretação foi a possibilidade de, em virtude de sua forma pré-lógica e deliberadamente imprecisa, mobilizar a capacidade do paciente de ter reações motoras. Em certos casos, nos quais prevalecia a intelectualização, observei que reiteradas alusões interpretativas, não aproveitadas pelo paciente, geravam tensões fortíssimas que, a seu turno, levavam ao desencadeamento de outras reações mais espontâneas manifestadas, especialmente, através do sistema da motricidade. O fato permitiu, com êxito, a análise do fenômeno provocado em tal situação.

A experiência, em dois casos de neurose obsessiva e em fases compulsivas de outros pacientes, mostrou que, pelas interpretações por alusão, se obteve o enfraquecimento das defesas, – especialmente a intelectualização –, além de abrir uma brecha na rigidez e no automatismo, expressos de modo óbvio no porte corporal e no modo de falar. Torna-se evidente que aquela interpretação, pela sua forma pré-lógica de focalizar, menos controlável, inesperada, pode

constituir, para o modo de vivenciar do analisando um momento de surpresa, decisivamente importante na análise das neuroses obsessivas. A mesma surpresa se evidenciou também em outros casos, em que o mesmo tipo de interpretação desenvolveu protestos agressivos, erupções de cólera, ataques à analista, como manifestações de ódio arcaico, revivido de maneira projetiva, pela ameaça de uma situação imprecisa, de isolamento e abandono.

VII - Aspecto dinâmico da interpretação por alusão como variante da técnica analítica

Assim como a monotonia das reações do paciente, condicionada, por exemplo, pela “compulsão à repetição”, impede ou coarcta a função dinâmica das mesmas, assim também o processo terapêutico pode sofrer sérias limitações pela aplicação frequente de interpretações estandardizadas. Possivelmente, interpretar as repetidas manifestações dos mecanismos psíquicos, em análise, de modo sempre direto e imediato, igual na concepção, focalização e fórmula, se torne também monótono. Tal procedimento é comum, por vezes, nos candidatos em início de supervisão. Por exemplo, interpretar o sentimento de abandono, ao fim da semana, continuamente, de maneira mais ou menos idêntica, pode ser vivido pelo paciente como repetição monótona, chã, que limita e bloqueia a revivência sentida de abandono, na hora da análise. A interpretação direta, ao focalizar de modo exclusivo o aspecto transferencial, pode influenciar, unilateralmente, o processo terapêutico. Acho que, em certos casos e em certas circunstâncias, a interpretação por alusão atende melhor ao aspecto dinâmico da análise.

Palavras finais

Algumas concepções do presente trabalho são apenas o esboço, notas prévias de uma publicação planejada¹¹. A importância da influência atmosférica no processo analítico e na vida comum requer estudo mais acabado, principal-

11. a - Considerações ontogenéticas sobre a origem e a necessidade vital da comunicação verbal.
b - Considerações sobre a função e escopo da linguagem, e sua comparação nos diferentes níveis, condicionados pelos fatores sociais e culturais.
c - Comparação da linguagem primitiva: a da criança, a do primitivo, a linguagem dos animais.
d - Considerações sobre a comunicação verbal em seus aspectos espirituais, artísticos, etc.

mente quanto à suas possíveis deduções, sua ampla e profunda significação emocional e espiritual, aos níveis pré-lógico e superior do ser humano.

Volto a Eissler, que introduz o termo “forma-de-interpretação” (9) e assinala o fato de não existirem leis comuns para a técnica analítica. Considero a escolha da forma de interpretação decorrência necessária da sensibilidade, tato, da espiritualidade especial, inclusive da disposição artística do analista, características fundamentadas no seu autoconhecimento. A maturidade do analista, seu equilíbrio e crítica, decidem sobre a forma de interpretação adequada à situação psíquica específica e individual do analisando. O uso regular de concepções e interpretação exclusivamente baseadas na técnica de uma só corrente psicanalítica, podem, a meu ver, desrespeitar o fator pessoal e ser, no fundo, consequência da insegurança e angústia inconscientes do analista. Como última observação, permito-me assinalar que a crítica oposta a determinadas concepções ou hipóteses significa, às vezes, não a justeza dessa crítica mas a importância do que se pretende criticar.

Referências

- 1) Bühler Ch. — «*Kindheit und Jugend* Leipzig 1928 (Infância e Juventude).
- 2) Bühler K. — «*Die geistige Entwicklung des Kindes*» / Jena 1930 (O desenvolvimento espiritual da criança).
- 3) Hetzer H. — «*Kind und Jugendlicher in der Entwicklung*» /Hannover 1948 (Criança e adolescente em desenvolvimento).
- 4) Dührssen A. — «*Psychogene Krankheiten bei Kindern und Jugendlichen*» / Göttingen 1954 (Doenças psicógenas de crianças e adolescentes).
- 5) Spitz R. — «Desenvolvimento emocional do recém-nascido» / Rio 1959 (*Die Entstehung der ersten Ojeckbeziehungen*).
- 6) Spitz R. — “*Nein und Ja*» – *Die Ursprünge der menschlichen Kommunikationen*» – Stuttgart 1957 («Não e sim» – As origens das comunicações humanas).